

Circulações do amor nas escolhas sexuais binárias e não binárias

...como não há relação sexual, há em seu lugar invenções sociais dessa relação, e no interior delas o sujeito deve situar-se, fazer sua pequena invenção própria, que geralmente está desfasada em relação à invenção social ...¹

I-Binário e não-binário

As expressões binário e não binário não são próprias da psicanálise, mas provêm dos estudos de gênero. O não binário -ou *genderqueer*- refere-se a um tipo de identidade de gênero que inclui pessoas ou identidades que não se inscrevem em nenhum dos polos homem/mulher. Faz referência à identidade de gênero e não à sua orientação sexual, dá conta da auto percepção do gênero e não da atração erótica, romântica ou sentimental. No nível da orientação sexual, a escolha que não é guiada pela distinção binária homem/mulher é chamada de *pansexualidade*: "Sou uma pessoa trans não binária, talvez puxando o agênero [...]. A mim me atraem as personalidades, as pessoas, suas ideologias, suas crenças, não me limito ao que leva entre as pernas. Sou pansexual"². O termo gênero tampouco pertence ao corpus de termos lacaniano e de modo decidido Lacan, a partir dos desenvolvimentos freudianos sobre a sexualidade, cunhou o conceito de *sexuação*³. O que chamamos eleição sexual, refere-se ao modo de gozo em relação ao falo como significante da diferença, "opção" que não está definida pelos atributos anatômicos nem pela escolha de objeto. Nem tampouco deve coincidir com a imputação do Outro que assinala ser homem ou mulher, inseparável da marca significante que transforma o órgão natural em instrumento significante. Verificamos em nossa época que alguns sujeitos se inscrevem dentro de um conjunto aberto que não tomaria ao falo como o significante que instaura a diferença sexual. Em vez disso, há um menu de identificações que, em alguns casos, vão para o local do falo que não está em função.

Lacan coloca de um lado o gozo todo fálico e do outro lado o gozo não-tudo fálico⁴. Em cada um, essa singular escolha do modo de gozar em relação à função fálica tem um

¹ Miller J.-A., *Causa y consentimiento*, Paidós, Bs. As., 2019, p. 193. A tradução é nossa.

² "Jóvenes no binaries: como es vivir sin género en Argentina", en: <http://idepsalud.org/jovenes-no-binaries-como-es-vivir-sin-genero-en-argentina/>

³ Miller, J.-A con Marty, E., "Entrevista sobre El sexo de los modernos", Lacan Cotidiano 927, en: <https://www.wapol.org/es/global/Lacan-Quotidien/LO-927-BAT.pdf>

⁴ Lacan, J., O seminário, livro 20, *Mais, ainda*, Zahar.

valor real, escolha que não é nem voluntária, nem modificável, dado que se funda no encontro contingente com o gozo que marcou o corpo. Não se trata da oposição do masculino e do feminino -lógica binária-, mas sim de uma repartição dos gozos, o gozo fálico que se distingue do Outro gozo, um gozo suplementar que se constitui como o enigma do feminino. Deste modo, o Outro sexo é o feminino, lógica fundada no não tudo, *nem tudo x passa pela função fálica*, que introduz uma passagem do Um do atributo ao Um da diferença. Tomar como ponto de partida o "há gozo", reconduz ao Um só, ao gozo do corpo vivo. Por isso a formulação *não há relação sexual* aparece como inevitável, pois o que há é gozo Um e por isso, o gozo do corpo do Outro sexo cai inevitavelmente em uma impossibilidade.

O sexual, então, não define nenhuma identidade. Quer o sujeito receba do Outro um significante que o nomeie como homem ou mulher, ou que o sujeito se auto-designe um gênero, trata-se de processos de identificação que podem estar fundados no discurso da tradição ou em traços das diversas comunidades de gozo. Verificamos nesta época do "múltiplo sem Um"⁵ que há uma transformação na configuração da sexuação, já que a operação simbólica que marca o sujeito se enfraqueceu, quando não evaporado, do que se poderiam extrair múltiplas consequências.

II-Eleições homo e hétero

Quanto à escolha, Lacan reformula o homo e o hétero de um modo que não segue a lógica da distribuição sexual homem/mulher, mas dá conta de uma posição do sujeito em relação a um objeto *a*- sexuado que está fora de gênero. O homo será então aquilo que quer fazer homogêneo este objeto à própria imagem. O hétero, aquilo que consente a alteridade radical do Um do gozo, sejam quais forem os gêneros em jogo. Mas para isso é preciso reconhecer no feminino algo além de um gênero, alteridade radical que rompe com o binarismo. Quanto ao objeto da eleição, as restrições não operam a nível de seu sexo, mas se instalam nas chamadas condições de amor⁶, no "*a*- sexual do objeto que está como causa da escolha e da posição de gozo do sujeito para além do sexo

⁵ Miller, J.-A. con Marty, E., "Entrevista sobre El sexo de los modernos", op. cit.

⁶ Miller, J.-A., *Los divinos detalles*, Paidós, Bs. As., 2000, p. 52.

assumido pelo sujeito e pelo objeto"⁷. Na escolha de objeto de Gide, por exemplo, torna-se visível uma dissociação entre amor e gozo que seria um exemplo de *uma degradação do objeto em chave bissexual*. Por um lado, está sua esposa Madeleine, objeto único e singular de seu amor, e por outro, o desejo encarnado nos jovens *golfs de pele morena*, desprezados, de rua, no plural e postos em série⁸.

O que a psicanálise descobre é que a escolha do objeto se rege pela lógica do objeto *a*, objeto mais bem *trans* ou *queer* que rompe com toda lógica binária. Para o *parlêtre*, no nível do sexo como tal, só há Um, manifesta-se do lado mulher e não pode sustentar-se senão de uma rejeição lógica do todo. Segundo Lacan, o que chame-se sexo [...] é propriamente, a sustentar-se *nãotoda* [...] "*chamemos heterossexual por definição aquele que ama as mulheres, qualquer que seja o sexo próprio*"⁹. O Unarismo lacaniano é radical¹⁰.

A crença na identidade de gênero sonha com a igualdade entre identidade e gozo, pelo que uma prática de gozo pode converter-se, a partir desta perspectiva, numa "identidade sexuada". No entanto, o gozo não se inscreve por uma identificação -embora a identificação revista um gozo- nem por uma eleição que se baseia na pretensa autonomia do eu, mas pelo traumatismo do encontro contingente de *lalíngua* com o corpo. Este gozo, desconhecido pelo sujeito, escapa a qualquer tentativa de nomeação, pelo que as categorias de gênero, binário ou não, resultariam da ordem do semblante. Ou seja, que diante ao buraco efeito do traumatismo da *lalíngua*, contingente e singular, cada *parlêtre* inventa um saber fazer com isso. Sobre essa contingência, inventa-se algo que permite certa ilusão de manter juntos RSI: o sintoma, a eleição sexuada e o amor.

III- Circulações do amor

⁷ Bassols, M., *La diferencia de los sexos no existe en el inconsciente*, Grama, Bs. As., 2021, p. 47. A tradução é nossa.

⁸ Miller, J.-A., *Acerca del Gide de Lacan, Malentendido 7*, Bs. As., 1990, p. 49.

⁹ Lacan, J., "O aturdido" (1972). In: *Outros escritos*. Rio de Janeiro: JZE, 2003. p.467.

¹⁰ Laurent, É., "El unarismo lacaniano y la variación de las conductas sexuales, en línea:

<https://psicoanalisislacaniano.com/2020/03/07/el-laurent-unarismo-lacaniano-variacion-conductas-sexuales-20200307>

O amor é uma das invenções possíveis do *parlêtre* para fazer laço com o outro, para "escolher outro" poderíamos dizer, fazendo-lhe a contra ao gozo autista já que "amar é renunciar a gozar sozinho"¹¹. Lacan afirma que o amor é levado à existência, pelo impossível do vínculo sexual com o objeto, qualquer que seja sua origem, Ihe é necessária "essa raiz de impossível"¹². Quer dizer que qualquer circulação do amor, sem importar a "origem do objeto", será sempre levantada sobre o fundo da impossibilidade de uma relação sexual, sempre será suplência. Mas se todo amor é suplência da não relação sexual, é sempre da mesma maneira ou poderíamos pensar em suplências que suturam um real e outras que o alojam? O amor como "o imaginário específico de cada um, o que não une mais que a certo número de pessoas não escolhidas do todo ao acaso"¹³, responde a condições inerentes ao mais de gozar, assinala Lacan. Aqui aparece o amor articulado ao saber inconsciente e cobrindo de forma falhada o buraco da ausência de saber sobre o sexual. O amor circula em um *entre*, se apresenta não como mediação, mas como *conexidade* de dois saberes que não se recobrem, na medida em que são "irremediavelmente diferentes"¹⁴. Isto implica um certo fracasso: se conseguir acomodar a diferença do outro, a faz causa, pelo qual esses dois não farão jamais Um. Esse estatuto do amor implica, por definição, a *Outredade* e portanto o *hétero* em sentido estrito.

Nesse sentido, aquilo que do Outro despertaria o amor será no nível do gozo e do *sinthome*, onde um sinal dará lugar a um encontro onde se põe em jogo um consentimento à alteridade do gozo feminino, ao "gozo como tal", problema que cada ser falante resolve "com o fantasma, com o sintoma, com as identificações e com o eu"¹⁵. Gozo, que a diferença do objeto pulsional, escapa à captura que faz o fantasma. O amor, nesta perspectiva, é um modo de dar sentido ao gozo opaco do inconsciente entendido a partir de uma equívocação.

A circulação do amor, se existir, requer um além da lógica dos binarismos; implica a ruptura do desejo de fazer um e força a um saber fazer com esse gozo sempre Um do *parlêtre*. Vinheta: Um sujeito se apresenta como "um garoto trans não binário": "garoto

¹¹ Miller, J.-A., *Los divinos detalles*, op. cit.

¹² Lacan J., clase del 18/12/73, Seminario 21, "Los no-incautos yerran", inédito.

¹³ *Ibíd.*

¹⁴ *Ibíd.*, clase del 19/2/74.

¹⁵ Brodsky, G., "Lo femenino y la sexualidad", *Revista Digital Virtualia* 29, 2014.

trans" lhe permite dar um nome à sua expressão de gênero (ou seja, o que mostra aos demais) e aquilo de "não binário" nomeia seu sentir, algo de seu interior que segue sem definir-se de todo, que se torna difuso e conserva em si algo feminino. Em transferência extrai-se um significante que denota uma condensação, um ponto próprio do gozo deste *parlêtre*: "deslizar-se". De alguma forma, aquilo que ele chama "não binário", abre a porta para o mais singular de seu gozo que desponta em "deslizar-se."

IV- Quando as coisas do amor são deixadas de lado

Capitalismo e ciência determinam mudanças nas vidas dos sujeitos mediados pelos produtos da tecno-ciência que influenciam e modificam as práticas, os discursos e as relações, gerando, portanto, novas modalidades de prazer e sofrimento.

Vinheta: depois de ter conseguido a atribuição de mudança de sexo -deixar de ter um corpo de garoto e ser o que sempre sentiu, uma mulher -consulta solicitando um certificado para realizar uma cirurgia de rosto. Seu problema são os pelos. Logo se revela que seu verdadeiro desejo era conhecer um homem que a queira e poder formar uma família. Neste ponto se atualiza algo que não cessa: sua convicção sobre por que fracassaram as sucessivas tentativas amorosas. Anteriormente, porque não era uma verdadeira mulher pela presença do membro. Agora o pelo no rosto, retorno no corpo onde se localiza o excesso. O fracasso amoroso a confronta com o impossível que se manifesta na contingência do amor, ou seja, o buraco da não-relação sexual. A rápida captação por parte do mercado de que o mais de gozo transcende os objetos naturais para a obtenção da satisfação, deu lugar à *industrialização do mais de gozo*, produzindo objetos de imitação que tapam a falha estrutural e proporcionam gozo aos sujeitos. A escolha dos *partenaires* sexuais e amorosos não está isenta desta lógica do puro consumo que afeta os vínculos, oferecendo a ilusão de erradicar todo tipo de falha nos cálculos, evitar a angústia e rejeitar a castração. A coisificação das relações em termos de troca e satisfação *deixa de lado as coisas do amor*¹⁶. O conseqüente desarranjo entre os *partenaires* se torna, portanto, evidente.

¹⁶ Lacan, J., *Hablo a las paredes*, Paidós, Bs. As., 2012, p. 106.

Escutamos sujeitos que se viram com o *impasse* da não relação sexual a partir da prática do *poliamor*, na qual os sujeitos se relacionam no afetivo com mais de uma pessoa com consciência da situação. Outro modo de ler o binário, em relação ao múltiplo do objeto de amor. Há no novo algo do velho que se repete, e o encontramos na obra *Exilados*, de Joyce, de 1915. Nela, Richard Rowan consente que sua parceira Bertha tenha um relacionamento com Richard Hand um amigo seu, desculpando com isso sua própria infidelidade, pois ele está apaixonado por Beatrice, prima de Richard. Segundo Lacan, a palavra exílio expressa a não relação, que consiste em uma mulher entre outras que "se relaciona com qualquer outro homem", o que vemos no personagem que Joyce imagina¹⁷. Os encontros que se produzem são sempre sintomáticos e nossa clínica consiste em localizar os diferentes modos em que apesar do exílio, sintomas e semblantes velam e suplantam a relação sexual que não existe. Embora sempre se trata de uma resposta singular e contingente, está num ponto delineada pelo Outro¹⁸, –seja o Outro feito *Gruyère*¹⁹– que oferece as bases para as diferentes respostas à impossibilidade, já que as mesmas se encontram determinadas pelas coordenadas que a civilização outorga ao gozo do Um, nesse *heteroautoerotismo* do sintoma com sua dupla face. A invenção que interessa à psicanálise diante ao não há relação o amor, –o sintoma, o saber fazer com– é a que permite o encontro com o contingente, com o buraco, e contém a condição de impossibilidade.

Se a contingência é aquilo por onde se demonstra a impossibilidade²⁰, a contingência do encontro amoroso sempre revela de um modo ou outro o impossível da relação sexual. Há invenções do amor que tentam obstruir esse encontro; outras tentam alojar. Em alguns casos, confrontar-se com esse impossível pode ser motivo de desencadeamento. A época pode oferecer dispositivos para escapar desse encontro. No entanto, o analista deverá provocar esse impossível por meio da contingência do amor

¹⁷ Lacan, J., *El seminario, libro 23, El sinthome*, Paidós, Bs. As., 2015, p. 68.

¹⁸ Recordemos neste ponto que a Argentina se tornou o primeiro país da região a incluir as categorias não binárias de gênero em seus sistemas de registro e identificação a partir do decreto presidencial N° 476/21 desde o 21 de julho do ano 2021.

¹⁹ Miller, J.-A., “El carnaval de los miedos”, *Le Point*, 4 de dezembro, in https://elp.org.es/el_carnaval_de_los_miedos_por_jacques_al/ expressão que dá conta da inconsistência do Outro na época atual.

²⁰ Lacan, J. “Introducción a la edición alemana de un primer volumen a los Escritos”, *Otros escritos*, op. cit., p. 585.

de transferência para inventar algo novo no amor, que não seja a versão repetitiva do fantasma e se abra à contingência do encontro com o outro e com o mais Outro que se aloja em cada quem. Ou seja, elevar o necessário do amor à categoria de seu próprio encontro com o gozo.

Responsáveis: Estela Carrera e Blanca Sánchez.

Integrantes: Jéssica Asis, Amparo Barrionuevo, Ana Gallegos, David González, Santiago Horsmantorfer, Alberto Justo, Ana Lubatti, María Pía Marchese, Andrea Pineda, Fernando Pomba, Ana Preiti, Julia Reznichenco, Lucas Simó, Graciela Schnitzer, José Vidal.

Tradução: Josefina Elias

Bibliografia

Miller J.-A., *Causa y consentimiento*, Paidós, Bs. As., 2019, p. 193.

“Jóvenes no binaries: como es vivir sin género en Argentina”, en: <<http://idepsalud.org/jovenes-no-binaries-como-es-vivir-sin-genero-en-argentina/>>

Miller, J.-A con Marty, E., “Entrevista sobre *El sexo de los modernos*”, Lacan Cotidiano 927, en: <https://www.wapol.org/es/global/Lacan-Quotidien/LQ-927-BAT.pdf>

Lacan, J., *O seminario, livro 20, Mais ainda*, Paidós. Bs. As., 1991, p. 98.

Miller, J.-A., *Los divinos detalles*, Paidós, Bs. As., 2000, p. 52.

Bassols, M., *La diferencia de los sexos no existe en el inconsciente*, Grama, Bs. As., 2021, p. 47.

Miller, J.-A., *Acerca del Gide de Lacan, Malentendido 7*, Bs. As., 1990, p. 49.

Lacan, J., “El atolondradicho”, *Outros escritos*, Paidós. Bs. As., 2012, p. 491.

Laurent, É., “El unarismo lacaniano y la variación de las conductas sexuales, en línea: <https://psicoanalisislacaniano.com/2020/03/07/elaurent-unarismo-lacaniano-variacion-conductas-sexuales-20200307>”

Lacan J., clase del 18/12/73, Seminario 21, “Los no-incautos yerran”, inédito.

Brodsky, G., “Lo femenino y la sexualidad”, *Revista Digital Virtualia* 29, 2014.

Lacan, J., *Hablo a las paredes*, Paidós, Bs. As., 2012, p. 106.

Lacan, J., *El seminario, libro 23, El sinthome*, Paidós, Bs. As., 2015, p. 68.

Miller, J.-A., “El carnaval de los miedos”, *Le Point*, 4 de diciembre, en: https://elp.org.es/el_carnaval_de_los_miedos_por_jacques_al/

Lacan, J. “Introducción a la edición alemana de un primer volumen a los Escritos”, *Outros escritos*, op. cit., p. 585.